tomados sem medo de consequências na realidade. Habilidades podem ser testadas e desenvolvidas. No jogo, não apenas o teste de pertencimento, mas também as experiências de novas competências, avançadas são possíveis, cada um representando experiências de aprendizagem e contribuindo para o desenvolvimento do ser. As crianças se sentem no jogo como competentes e auto eficazes, porque determinam sua própria experiência em espaços de aprendizagem que o lúdico proporciona.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição Federal. 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. SECRETARIA DE

EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. Referencial curricular nacional para a educação infantil: formação pessoal e social. Brasília: MEC/SEF, v.01 e 02.1998. 85p.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. Atividades lúdicas para a educação infantil: conceitos, orientações e práticas. 2 Ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2009(a).

MACEDO, Lino. PETTY, Ana Lúcia S. e PASSOS, Norimar C. Os jogos e o lúdico na Aprendizagem Escolar. 2 ed. Porto Alegre. Artmed, 2005.

MOYLES, Janet R. A Excelência do Brincar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

OLIVEIRA, Vera Barros de (org). O brincar e a criança do nascimento aos seis anos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SARMENTO, Manuel J. Imaginários e cultura da infância. Disponível em: http://proferlaotrabalhosalunos.pbworks.com/f/AS+CULTURAS+DA+INFANCIA+NA+ ENCRUZILHADA+DA+SEGUNDA+MODERNIDADE..pdf. Acesso em: 15 Jul. 2020.

SILVA, Alberto Nidio Barbosa de Araújo e. Jogos, brinquedos e brincadeiras - trajectos intergeracionais. 2010. Disponível em: https://www.repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13904/1/Tese.pdf. Acesso em: 15 Jun. 2020.

SILVA, Michele. História da infância e educação. 2009. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2009_2010/pdf/2010/043.pdf.

Acesso em: 20 jun. 2020.

VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 10ª ed. São Paulo: Ícone, 2006. Cap.4.

DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGENS NOS PRIMEIROS ANOS DE ALFABETIZAÇÃO

Iasmin F. Santos Honorato

Formada em Pedagogia e pós graduada em Neurociência e Educação

.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo destacar os diversos aspectos que devem ser considerados em relação aos distúrbios de aprendizagem nos anos iniciais da alfabetização. Quando se trata de alfabetização devemos considerar que as crianças não possuem as mesmas capacidades e habilidades e que precisam de um olhar atento e individualizado do professor que deverá

identificar eventuais dificuldades/transtornos e fazer as intervenções corretas e necessárias.

PALAVRAS – CHAVES: alfabetização, dificuldades de aprendizagem.

ABSTRACT:

This article aims to highlight the different aspects that should be considered in relation to learning difficulties in the early years of literacy. When it comes to literacy, we must consider that not all children have the same abilities and skills and that they need an attentive and individualized look from the teacher, who should identify any difficulties/ disorders and make the correct and necessary interventions.

KEY WORDS: literacy, learning difficulties.

1. INTRODUÇÃO:

Este artigo faz uma abordagem sobre as principais causas de dificuldades de aprendizagem na alfabetização nos anos iniciais. O termo “dificuldade de aprendizagem” abrange todos os problemas encontrados na aprendizagem do indivíduo, sejam eles por fatores biológicos ou fatores externos.

A criança poderá apresentar dificuldades na alfabetização por não se sentir confiante com a metodologia aplicada pelo professor, ou por ter sido exposta precocemente a alfabetização, estes são exemplos de fatores externos considerados dificuldades no aprendizado que podem ser corrigidos com a didática certa.

Distúrbios de aprendizagem específicos como a dislexia, discalculia e disgrafia são fatores biológicos, transtornos, que necessitam de intervenções diferenciadas na alfabetização.

Nos dois contextos citados, o professor deverá ter um olhar atento e individualizado para cada um de seus alunos e adotar medidas que transformem o processo agradável tanto para quem ensina, quanto para quem aprende.

Buscando novos conhecimentos acerca dos temas acima citados, essa pesquisa se pauta em um embasamento teórico com pesquisadores especializados em alfabetização como Emília Ferreiro, para assim encontrar as possíveis causas, intervenções e características das dificuldades de aprendizagens nos anos iniciais da alfabetização.

Para Emília Ferreiro (2001, p. 44), citando Marcone e Lakatos, A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda a pesquisa científica.

O professor que embasa seu trabalho pedagógico em um rico referencial teórico está pensando nas dificuldades, aprendizagens e conquistas de seus alunos. Deve-se considerar a pesquisa científica para resultados satisfatórios.

A pesquisa no processo educacional está relacionada ao aprendizado e as reflexões sobre as práticas cotidianas permitindo uma ligação entre saberes populares e científicos, dando espaço para a consciência crítica. O professor busca conhecimento o interpreta para transformar seu espaço de aprendizado, a sala de aula!

2. DESENVOLVIMENTO.

2.1. Dificuldades de aprendizagem.

Identificamos em cada criança um tempo próprio e importante no processo de aprendizagem em qualquer fase de seu desenvolvimento. E, nós profissionais da educação temos como principal função mediar novos conhecimentos e fazer intervenções para que a mesma se desenvolva plenamente em suas capacidades e habilidades se tornando um ser pensante e protagonista em todo este processo.

Neste processo individual onde o aluno é protagonista, como o professor consegue diferenciar o tempo próprio do aluno de uma dificuldade de aprendizagem?

Nas salas de aula dos primeiros anos da alfabetização é comum encontrar crianças com dificuldades na leitura e escrita. Sabemos que nem todas as crianças aprendem com a mesma facilidade e com o mesmo ritmo.

O olhar individualizado do professor para cada um de seus alunos torna-se essencial neste processo. O papel do alfabetizador é de orientar, compreender e entender as diferentes linguagens da criança. E, sua sala de aula deverá ser um ambiente transformador, para isso, este profissional precisa estar atento às necessidades, interesses e motivações de seus alunos sendo pesquisador e proporcionando um ambiente acolhedor e seguro. DeVries e Zan exemplificam ao dizer que “um dos segredos para a hora da atividade ser bem-sucedida é planejar visando a atrair os interesses, objetivos, raciocínio e cooperação das crianças” (1998, p.212). Sendo assim, o professor precisa planejar suas ações pensando em atrair o interesse de seus alunos.

Quando o educador possui um olhar individualizado para seus alunos e planeja suas ações pensando em seus interesses, consegue ter a percepção de fatores externos que são uma das causas das dificuldades de aprendizagem.

A alfabetização é essencial para o pleno desenvolvimento da linguagem. A leitura de textos é mais do que conseguir decodificar as palavras, trata- se de compreensão, interpretação e saber aplicar as habilidades aprendidas.

O professor precisa criar estratégias em que a criança se sinta confiante com a metodologia utilizada, pois se não faz sentido, elas não aprendem. Quando a criança se sente segura aprende com facilidade e o processo se torna natural.

As crianças podem ter problemas com a leitura devido a um fator no contexto familiar e/ou escolar. Nas dificuldades de aprendizagens, por se tratarem de problemas externos a criança tem maior chance de superar suas dificuldades e conseguir ser alfabetizada com resultados satisfatórios.

Além dos fatores externos, há crianças que possuem transtornos de aprendizagem que são diferentes condições neurológicas que afetam a capacidade de aprender e processar as informações.

O professor precisa saber diferenciar a dificuldade escolar ocasionada por fatores externos; que são ocasionados, em sua maioria, pelo plano pedagógico e contexto familiar. E os transtornos de aprendizados ocasionados por fatores biológicos, que estão relacionados ao desenvolvimento de funções cerebrais. (Ohlweiler, 2006).

2.2. Transtornos de Aprendizagens ou Dificuldades de aprendizagens específicas

(dislexia, discalculia e disgrafia).

No dicionário a palavra transtorno está definida como “ato ou efeito de transtornar”, assim como “situação imprevista e desfavorável”. Transtornos de aprendizagens, está relacionado a um conjunto de dificuldades pontuais e bastante específicas, ligadas ao cérebro, portanto com esta condição o cérebro poderá funcionar de maneira diferente. Apesar de “situação imprevista e desfavorável” a pessoa com transtorno de aprendizagem terá dificuldade em determinadas áreas no aprendizado como na escrita e na leitura e, não significa que terá deficiências mentais, já que não representa incapacidade e que o transtorno de aprendizagem possui tratamento.

As dificuldades de aprendizagem específicas dizem respeito à forma como um indivíduo processa a informação – a recebe, a integra, a retém e a exprime –, tendo em conta as suas capacidades e o conjunto das suas realizações. As dificuldades de aprendizagem específicas podem, assim, manifestar-se nas áreas da fala, da leitura, da escrita, da matemática e/ou da resolução de problemas, envolvendo défices que implicam problemas de memória, perceptivos, motores, de linguagem, de pensamento e/ou metacognitivos. Estas dificuldades, que não resultam de privações sensoriais, deficiência mental, problemas motores, défice de atenção, perturbações emocionais ou sociais, embora exista a possibilidade de estes ocorrerem em concomitância com elas, podem, ainda, alterar o modo como o indivíduo interage com o meio envolvente. (Correia, 2008, p. 46).

As dificuldades de aprendizagens específicas, transtornos, afetam habilidades no processo básico do desenvolvimento de uma criança, sendo possível que uma mesma criança apresente mais de transtorno simultaneamente.

Neste estudo abordaremos as seguintes dificuldades de aprendizagens especificas:

- Dislexia;
- Discalculia;• Disgrafia;

Abordando suas definições, causas, características particulares e seus tratamentos.

2.2. Dislexia

A dislexia é caracterizada quando o indivíduo possui problemas na identificação e no reconhecimento das palavras, decodificação e ortografia. Etimologicamente, dislexia deriva dos conceitos “dis” (desvio), “lexia” (leitura, reconhecimento das palavras).

Fonseca (1999, cit. por Moura, 2011) diz que trata-se de uma “dificuldade duradoura” que surge em "crianças inteligentes, escolarizadas, sem qualquer perturbação sensorial e psíquica já existente.”

De fato, a Dislexia, não está associada a um baixo nível intelectual, uma pessoa disléxica pode apresentar níveis de desenvolvimento acima da média para faixa etária em outras áreas, porém com dificuldade na leitura.

Segundo Fukuda, Capellini (2012), conhecida como um transtorno de aprendizagem, a dislexia é resultado de um déficit específico na linguagem. O sujeito indica, primeiramente, dificuldades na fala relacionado à dificuldade do processamento fonológico e repercute nos processos de leitura.

“Estas dificuldades resultam tipicamente de um défice na componente fono-

lógica da linguagem que é frequentemente imprevisto em relação a outras capacidades cognitivas e às condições educativas.Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiência de leitura reduzida que podem impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais. (Associação Internacional de Dislexia, 2003, apud Teles, 2009).

As pessoas disléxicas, podem apresentar dificuldade em traduzir a linguagem ouvida ou lida para o pensamento, ou o pensamento para linguagem falada ou escrita. Possuem, dificuldades na ortografia, no processamento visual e auditivo, na leitura e na escrita.

Não há uma causa exclusiva para a dislexia. Alguns autores afirmam mesmo que se trata de uma perturbação de causas múltiplas.

Embora a Dislexia não tenha cura, é possível levar uma vida normal se houver suporte especializado desde cedo. Tratamentos com psicólogos, fonoaudiólogos e com equipe pedagógica permitirão criar estratégias para superar as dificuldades com as palavras e eventuais problemas que terão em seu dia a dia.

Quando o diagnóstico não é realizado corretamente, devido à inexistência da equipe de apoio citada acima; com esta imprecisão estes não serão devidamente guiados. O preciso diagnóstico de que a criança é portadora de dislexia, causa aflição na família, na escola e nos profissionais de educação, devido às limitações presentes na colaboração familiar e às complexas acomodações escolares (Silva, 2009).

O diagnóstico final deverá ser feito por um neurologista, após as considerações feitas pela escola, geralmente entre os oito ou nove anos de idade da criança. É por este especialista que é feita a diferenciação da Dislexia com outros transtornos de aprendizagens, além de descartar problemas emocionais que, também, podem interferir na leitura e na escrita.

Por ser um transtorno biológico não há tratamento preventivo para Dislexia, mas quando diagnosticada precocemente e com os tratamentos devidos é possível assegurar o aprendizado da criança e a qualidade de vida.

2.3. DISGRAFIA

A Disgrafia se define em uma dificuldade no ato motor da escrita, a criança com esse transtorno apresenta dificuldade em realizar tarefas como desenhar e possuem uma “má-letra”.

Reconhecer uma criança com Disgrafia não é uma tarefa fácil, se o professor não for pesquisador com um olhar diferenciado e atento para seus alunos, já que se trata de uma aprendizagem complexa.

A criança com Disgrafia irá apresentar diferentes sinais e o professor, que não está preparado, poderá julgar como desleixo. Alguns desses sinais são: traços exageradamente grossos, ou finos; letra excessivamente grande ou pequena; caligrafia inclinada; desorganização geral na folha, borrões, grafismo trêmulo entre outros sintomas que poderão aparecer no decorrer da vida escolar.

Desde muito novinhas, as crianças sentem necessidades em se expressar através de desenhos ou através da escrita que se desenvolve ao longo do percurso escolar da criança.

Segundo Cinel (2004), indivíduos disgráficos são aqueles que denotam dificuldades na ação motora da escrita, deixando a grafia quase que indecifrável. Desta forma, disgrafia é a desordem da escrita no que diz respeito ao traço das letras e à estruturação dos conjuntos gráficos no espaço utilizado. Associa-se, portanto, às dificuldades motoras e espaciais.

O estudo dos motivos da disgrafia é profundo, por serem diversos os motivos que podem guiar a uma escrita desordenada, como sugerem Torres e Fernández (2001).

O tratamento deverá ser feito por profissionais especializados, que darão suporte aos trabalhos do professor que deverá propor atividades que desenvolvam a coordenação motora fina e grossa e, também, as noções de espaço e lateralidade e controle corporal. A disgrafia está ligada com as alterações de lateralidade e de eficiência psicomotora (motricidade, equilíbrio). Estes indivíduos são desordenados do ponto de vista motor (na maioria das vezes apresentam idade motora inferior à idade cronológica).

De acordo com Camargo (2008), a reeducação do grafismo está ligada a três fatores essenciais: progresso psicomotor, progresso do grafismo em si, e individualidade do grafismo do indivíduo.

1.DISCALCULIA

Trata-se de um transtorno específico de aprendizagem relacionado à matemática. A pessoa com discalculia apresenta um desempenho matemático significativamente baixo para o esperado para a idade. Costuma estar associada à dislexia, entretanto nem todas as pessoas que têm dislexia podem apresentar o quadro de discalculia e vice-versa. Ambas são transtornos de aprendizagens distintos.

Para o pensador Silva (2008), não há somente uma simples razão, que possa justificar o surgimento da discalculia. Crianças com discalculia são incapazes de identificar sinais matemáticos, montar operações ou classificar números.

Ladislav Kosc descreve a discalculia em seis vertentes sendo: Discalculia léxica: dificuldade na leitura de símbolos matemáticos; Discalculia verbal: dificuldades em nomear quantidades matemáticas, números, termos e símbolos; Discalculia gráfica: dificuldade na escrita de símbolos matemáticos; Discalculia operacional: dificuldade na execução de operações e cálculos numéricos; Discalculia practognóstica: dificuldade na enumeração, manipulação e comparação de objetos reais ou em imagens; Discalculia ideognóstica:

dificuldades nas operações mentais e no entendimento de conceitos matemáticos.

O professor aliado ao psicopedagogo buscará diferentes estratégias para conduzir o aprendizado da criança com discalculia.

2. CONCLUSÃO

Este artigo proporcionou reflexões importantes sobre os distúrbios de aprendizagens e suas diferentes formas. Mostrou que a criança necessita ter seu tempo e espaço para aprender, sendo protagonista de sua história. E o papel do professor mediador que respeita o papel do aluno no processo de aprendizado, mas que sabe identificar as dificuldades e fazer as intervenções corretas.

A criança para ser protagonista em sua trajetória educacional precisa se sentir segura e confiante, assim ela aprende e, ainda transfere seus conhecimentos de forma natural.

Estudos comprovaram que diversas podem ser as causas de dificuldades de aprendizagem, dentre eles os fatores externos que incluem a segurança, o acolhimento e o prazer em estudar.

Em fatores biológicos, o aluno necessitará de uma equipe que o auxilie com tratamentos feitos com terapias e atividades que desenvolvam as habilidades fragilizadas neurologicamente.

Contudo, neste presente artigo foi possível apresentar as causas, os sintomas e os tratamentos para cada distúrbio citado. Os anos iniciais da alfabetização devem ser de muito aprendizado, descobertas e brincadeiras e intervenções que farão o processo se desenvolver de maneira efetiva e satisfatória.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, J. A. O desenvolvimento das habilidades em matemática. In: Alves, L. M.; MOUSINHO, R.; CAPELLINI, S. A. (Org.). Dislexia: Novos Temas, Novas

Perspectivas. Rio de Janeiro: Wak, 2011. p. 209-238.

CAMARGO, M. J. G. (2008). Disgrafia Motriz. Coleção impacto educacional, SP.

COELHO, T.D. (2011). Dislexia, Disgrafia, Disortográfica e Discalculia. Areal Editores, São Paulo.

CORREIA, L. M. (2008). Dificuldades de Aprendizagem Específicas – Contributos para uma definição portuguesa. Coleção Impacto Educacional. Porto: Porto Editora.

DEVRIES, Rheta e ZAN, Betty. A Ética na Educação Infantil: oAmbiente Sócio-

Moral na Escola, Porto Alegre, Artmed,1998.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, C. S A, C. M. AUTOR, ARAÚJO L.C. ANDRADE S.I. (2011).

TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM: DISLEXIA, UM ESTUDO DE CASO. VI Congresso de Pesquisa e Inovação da Rede Norte e Nordeste de Educação

Tecnológica. Natal-RN.

FUKUDA, M. T. M; CAPELLINI, (2012) S. A. Programa de Intervenção Fonológica

Associado à Correspondência Grafema-Fonema em Escolares de Risco para a

Dislexia, Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 25, n. 4, p. 783-790.

MOURA, O. (2011). Portal da Dislexia. Acesso em a 23 de setembro de 2021 em http://www.dislexia-pt.com.

MORAES, Paula Louredo. "Discalculia, sintomas, causas e tratamento"; Brasil Escola. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/doencas/discalculia.htm . Acesso em 23 de setembro de 2021.

KIRK, S. A.; GALLAGHER, J. J (1996) Educação da criança excepcional. Tradução de

Marília Zanella Sanvicente. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.